



ISSN: 3085-6434

DOI:

<https://doi.org/10.71263/fqa0zz58>

O IMAGINÁRIO NA OBRA DE GASTON BACHELARD: Uma introdução à ontologia da imagem poética

Breno Geraldo Araújo¹

RESUMO

O presente artigo objetiva introduzir os principais conceitos e categorias sobre o imaginário poético na obra de Gaston Bachelard a partir das obras *A Poética do Devaneio* e *A Poética do Espaço*. A imagem poética é analisada como uma atividade de

¹ Mestrando pelo PPGIL UECE.

destaque, tendo em vista seu caráter amplo e o alcance das dimensões ontológicas. O devaneio poético é um exemplo chave para uma fenomenologia da imaginação, mas o devaneio ou o imaginário em si são práticas também analisadas e intrínsecas a vida psíquica e social. É o grau de influência que a relação dialética da imaginação com a vida que se permite analisar. Concepções Junguianas são trabalhadas por Bachelard como recurso de demonstração da imaginação como prática que expressa, de modo simbólico, o âmago do sujeito, assim como oferece pistas que direcionam a imaginação como ferramenta existencial e não somente literária. O potencial do devaneio é equivalente ao potencial do pensamento e da epistemologia, considerando que a origem do conhecimento e da imaginação são da mesma consciência. A objetividade científica, a partir das obras *A Psicanálise do Fogo* e *A formação do Espírito Científico* são explorados brevemente a título de exemplo neste trabalho, apenas para demonstrar como a cultura influencia no senso criativo e expansivo do devaneio poético. Contudo, o conhecimento quando precedido pela admiração, não se compromete, se reforça, pois a consciência do limite é o que permite a possibilidade de extensão epistemológica, assim como uma consciência que contempla o conhecido e o desconhecido, adquire uma visão mais aguçada. O devaneio poético, portanto, permite uma relação mais orgânica com a realidade e ensaja condições de possibilidade de formas próprias e amplas de ser no mundo.

Palavras-chave: Imaginação; devaneio; imagem poética; fenomenologia.

Re(senhas)

FENOMENOLOGIA DA IMAGINAÇÃO E DEVANEIO POÉTICO

(...) a lembrança da infância afirma bem claramente a utilidade do inútil. (...)
(BACHELARD; 1996, p. 110)

Bachelard desenvolve uma fenomenologia da imaginação a partir de uma concepção do devaneio que compõe um fundamento para a atividade psíquica. Demonstra como determinadas imagens são expressas nas atividades humanas mais essenciais. Com base nos conceitos e categorias a serem analisados, é preciso questionar: qual a contribuição do devaneio e da imagem poética na vida psíquica? Como a relação dialética entre a subjetividade e a objetividade produzem a materialidade da ontologia do imaginário?

Para responder às questões é necessária uma análise minuciosa de cada conceito e desconstruir algumas formas de preconceções. A priori, a imaginação ocorre naturalmente e imprescindivelmente na vida humana. É expressa facilmente através das intenções, expressões e escolhas. O modo como se efetiva é o que condiciona uma compreensão da característica particular da consciência imaginante.

Projetar a vida, por exemplo, não se distingue necessariamente de imagina-la. As distinções se dão por método, mas também conforme a intencionalidade envolvida.

Mas o imaginário, como aponta Bachelard, é concebido como parte constitutiva da dimensão humana, em suas práticas sociais, culturais, estéticas e científicas.

A originalidade da imagem se dá pelo instante das sensações, é um produto da química espacial com organismo do corpo. A mente cria a partir do que diz o devaneio no espaço, cada devaneio e cada espaço entoam palavras ao poeta. Só é possível traduzi-las se estiver alfabetizado pelo devaneio admirador, pela abertura de se unificar com o instante. Mas para isso, é preciso voltar à ingenuidade produtiva de se admirar com o simples e contemplar com novos olhos o cotidiano. São esses conceitos que giram em torno do tema central e serão retomados mais à frente.

A imaginação é um aspecto fundante de práticas essenciais que se deram ao longo da história, especialmente sobre o fogo na vida humana, concebido mais como elemento social do que natural (BACHELARD; 1994, p. 15). A psicanálise fenomenológica da vida imaginária, concebe a imaginação e seus elementos simbólicos como pedra angular da cultura, atuando conforme cada contexto histórico.

O simbolismo pré-histórico, por diversas pesquisas arqueológicas, possuía elementos que indicam a crença no transcendente ou na vida após a morte; em outras palavras, a imagem como impulso movente para atender as necessidades psicofísicas já se encontravam nos primeiros registros humanos.

O imaginário não tem sido explorado o suficiente pela tradição filosófica, sendo desenvolvido com Edmund Husserl em seu método fenomenológico. Entretanto, Bachelard vai além de Husserl na investigação sobre os modos de operação da

imaginação, apontando seu caráter produtivo, mesmo não sendo utilizada formalmente como recurso científico.

Apesar das delimitações sobre a compreensão e uso do imaginário, a literatura poética, apresentaria aproximações com a psicologia da imaginação de uma forma mais acentuada com a própria realidade, como um diálogo de correspondência afetiva, entre o organismo humano e o organismo mundo, haja vista que dentro da totalidade são um só.

Segundo o autor, demonstrado na obra *A poética do Devaneio*, a imaginação é aprofundada, buscando entender as relações do devaneio com a subjetividade da consciência imaginante, com a ontologia da poética e do próprio sujeito a partir das imagens criadas e suas formas de objetivar suas impressões de cada espaço e instante.

A grande questão é em que profundidade a imaginação é capaz de alcançar sem comprometer sua contribuição psíquica, ontológica e social, sem tergiversar as diferenças naturais entre o devaneio quieto e a reflexão fenomenológica ativa?

O empirismo, assim como o idealismo da tradição não conseguiriam responder tais questões, ou responderiam convenientemente ao seu método sem finalizar novas questões que surgem no caminho. Delimitaria o alcance do imaginário até onde vai o real, após a linha de demarcação, a jornada não retornaria com experimentos, provas ou teoremas, apenas com imagens “descompromissadas” com o amor pela sabedoria das certezas absolutas.

No devaneio a realidade não necessariamente se encontra separada deste, considerando que, em sua unidade com o cosmos, o poeta cria a realidade a partir dela mesma,

mesmo quando cria a partir de si e suas emoções, pois não se separa da natureza e seus efeitos químicos nas sensações com os fenômenos e espaços vividos.

(...) O devaneio poético (...) Dá ao eu um não-eu que é o bem do eu: o não-eu meu. É esse não-eu meu que encanta o eu do sonhador e que os poetas sabem fazer-nos partilhar. (...). Em face de um mundo real, pode-se descobrir em si mesmo o ser da inquietação. Somos então jogados no mundo, entregues à inumanidade do mundo, à negatividade do mundo, o mundo é então o nada do humano. As exigências de nossa Junção do real obrigam-nos a adaptar-nos à realidade, a constituir-nos como uma realidade, a fabricar obras que são realidades. (...) (BACHELARD, 1996, p. 13).

Neste caso, ao buscar aquilo que não é, produz a si mesmo naquilo que projeta, mesmo que alterado ou limitado pelas condições ontológicas e de consciência. É o porvir do devaneio poético que supera as delimitações nas quais se depara o sujeito criador.

A ingenuidade criativa enseja a adaptação pela satisfação com a novidade de cada fenômeno, mesmo que negativo. Haja vista que admirar-se com o trivial, é valorizar sua essência natural, ao passo que o espanto é o impulso

constante pela modificação, pela rebeldia contra os costumes concêntricos que censuram a imaginação.

Metaforicamente a poesia toca o âmago do leitor mais profundamente do que a própria realidade “crua”. Aquilo que o ser humano cria é fruto do real, mas também uma produção intrínseca da especificidade do poeta, a realidade sobre a sua ótica. É a função do irreal ganhando espaço na fenomenologia da imaginação. É o caráter psicanalítico da linguagem poética, da alma que abraça o universo.

É essa conotação da linguagem poética que o devaneio expressa um novo sentido psicológico do sujeito, pois produz em si e no outro uma sensação particular e ao mesmo tempo comum sobre sua relação com o mundo e consigo mesmo.

(...) A imagem poética não está submetida a um impulso. Não é o eco de um passado. É antes o inverso: pela explosão de uma imagem, o passado longínquo ressoa em ecos e não se vê mais em que profundidade esses ecos vão repercutir e cessar. Por sua novidade, por sua atividade, a imagem poética tem um ser próprio, um dinamismo próprio. Ela advém de uma ontologia direta. É com essa ontologia que desejamos trabalhar. (BACHELARD, 1974, p. 183).

Ao conceber uma autonomia da imagem, isto é, uma ontologia direta, Bachelard supera o determinismo do inconsciente sobre o consciente. Neste sentido, existe na

consciência imaginante uma função arquetípica que permite uma criação, uma elaboração inovadora e produtiva da vida do indivíduo que poetiza a sua realidade.

O olhar poético para o mundo aproxima o indivíduo do mundo. Não o aliena à ficção como fuga da realidade, mas demonstra através da literatura poética que o vivido é uma consequência também do imaginado, não somente o contrário, pois a imagem é um movimento dinâmico e dialético onde o ser sente a necessidade de demonstrar da maneira mais acentuada sua experiência de vida.

O imaginário, portanto, fundamenta a vida humana, que se perde a cada concepção invertida do que é útil e do que é o tempo. O que é criado pela consciência imaginante é exercida pelo homem para criar a si mesmo, pintar o seu espaço da cor que lhe apraz, mas sem esquecimento de sua condição original unitária ao movimento do cosmos.

Sem renunciar que as cores, as medidas e as formas são originadas independente das preferências pessoais, a vida fica mais fácil e produtiva, não por uma imagem ilusória, mas pela imagem ontológica, a partir do que se é. Assim, o que não agrada ao homem no mundo, deve o “mundo” interno do homem ser modificado para que sua imagem rejeitada seja aprimorada.²

² Acostumou-se a pensar o devaneio ou o imaginário como dispersão da realidade, falta de atenção para as coisas úteis, imediatas, práticas. Mas aqui se desaprende tal cosmovisão pelo seu inverso. Na obra de Bachelard se aprende a ser atento na divagação e a ser sério na brincadeira, que dentro da ingenuidade, nenhuma resposta adulta do sério e racional intelectual é satisfatória. Para a criança, o filósofo e o poeta, as perguntas guiam o

Assim como o homem forjou a roda para facilitar a mobilidade, criou a poesia para aprofundar o espaço. O aprofundamento é o inverso da fuga e do medo, é uma paixão pela própria necessidade de compreender a natureza daquilo que se é, assim como aceitar e desfrutar da não compreensão do que se vive.

Bachelard demonstra o valor significativo da expressão poética pela própria natureza fenomenológica da imagem, do significado e sua relação com o significante. É na poesia que se observa a mais profunda expressão do ser que escreve, pela própria natureza de sua intenção, pela própria raiz do caráter poético de escolher as melhores palavras.

Todavia, para desenvolver essa análise, Bachelard utiliza como recurso a concepção de androginia em Jung, que adquire dualidade conceitual entre o *animus* (masculino) e a *anima* (feminino), atribuindo a esta última como constitutiva do devaneio. No poema o *animus* e a *anima* estão unificados, por isso, sem obstáculos subjetivos ou epistemológicos. (BACHELARD, 1996, p. 55).

A dualidade da linguagem entre os gêneros, é concebida sob um aspecto psicofisiológico. As denominações seguem desejos, intenções, concepções, necessidades e circunstâncias que são definidas conforme pensadas e sentidas, precedidas pela ontologia do poeta e da relação dialética específica entre seu *animus* e *anima*.

despertar da consciência, assim como o aconchegante devaneio fabricando imagens, sonhando acordado.

A concepção dos arquétipos junguiana parte da concepção de inconsciente coletivo³, como uma força, uma predisposição para uma determinada ação de sublimação, e pensa a poética do devaneio como a expressão de sublimação desses arquétipos.

Neste caso, a influência conceitual se dá pela androginia do inconsciente e por ser concebido não como um estado de consciência desligado ou secundarizado pelo recalque, mas como uma “primeira natureza” e por isso, o devaneio tornaria “consciente” pelo ato poético, as imagens diretamente canalizadas pela natureza originária da mente. Sem a priori e sem a posteriori, apenas o instante unificando a duplicidade natural e íntima do ser humano. (BACHELARD, 1996, p. 55).

A expressão poética, seria onde o devaneio reunificaria dois aspectos da natureza humana que haviam sido separados pela linguagem instrumentalizada. Com isso, Bachelard aponta diversas denominações que historicamente a sociedade, e mais especificamente certas obras literárias expressam o que traduz uma natureza andrógina do homem no estado imaginário.

Por conseguinte, segundo essa concepção, toda capacidade efetiva, intenções ou potencialidade humanas são constituídas por aspectos do *animus* e da *anima*. E essas denominações não são identificadas por delimitação e papel de

³ Concepção de Jung na qual afirma que a humanidade possui um inconsciente que compartilha uma espécie de herança externalizada no consciente pelas pulsões inconscientes. Seriam elementos originários durante o desenvolvimento da humanidade, onde seus arquétipos, complexos, desejos e receios são “transmitidos” e adaptados de acordo com o contexto histórico e as condições subjetivas dos indivíduos.

cada gênero, mas para afirmar que em seu organismo e em sua cultura, o ser humano possui e idealiza formas de força e passividade, coragem e sensibilidade, bem e mal, etc. Tais formações simbólicas de conteúdo não se separam quando do ato poético.⁴

Ao denominar a si e as coisas, o ser em sua singularidade, expressa sua totalidade sem deixar de objetivar uma versão particular da totalidade do cosmos. O instante do poeta produz o poema e o poeta, além de atravessar o leitor em seu próprio instante, singularmente semelhante e particularmente distinto.

O devaneio poético é a possibilidade de unidade dessas condições de viver e compreender, mas não no sentido delimitado e determinista de uma psicologia empírica. Mas de uma abertura de possibilidade de o sujeito refletir e reestruturar a subjetividade de sua relação consigo mesmo e com o mundo.

Por isso, o autor denomina esse momento quieto, do ser que assiste a si mesmo e o mundo numa relação íntima e naturalmente necessária, de “psicologia das profundezas” (BACHELARD, 1996, p. 54), como modo autônomo de o sujeito adentrar na mais próxima análise do próprio psiquismo, ainda que seja paradoxalmente uma análise desinteressada.

⁴ As concepções junguiana de *animus* e *anima* reforçam a concepção de inconsciente coletivo para a qual Bachelard direciona suas explicações sobre a origem do devaneio como algo primitivo do ponto de vista cronológico; e íntimo, profundo e enraizado no que possui de mais puro na “natureza humana”. A *anima*, como arquétipo do devaneio, é um exemplo que foi simbolizado pela cultura como a alma humana, como fundamento que exprime a essência humana. A linguagem poética, por atingir a alma, desperta essa perspectiva. Todavia, o poema só pode tocar a alma se é constituído pela mesma.

Portanto, Bachelard aponta a poesia como um aprofundamento do ser e da sua existência, e trabalha a imaginação como algo que vai além dos conceitos, pois estes já estão classificados, isto é, delimitados pela metodologia ou objetivação científica.

A imaginação torna a relação do ser com sua existência mais interessante, numa linguagem ilimitada em experiências singulares. O poeta não suspende o real, nem o teme e tenta modifica-lo, mas suspende a sua formação cultural e epistêmica, para criar neologismos que dialogam com o mundo.

A própria noção metafórica da realidade é uma forma de o devaneio que assiste ao mundo, que adentra a realidade do mundo e se percebe como agente incluso, elaborar sua linguagem com termos próprios.

O poeta acolhe o mundo com seu devaneio, projeta em sua imaginação a realidade que gostaria de viver, assim como a realidade que vive e acentua seus termos conforme sua permissão à admiração consonante para subverter as sonoridades dissonantes dos paradigmas da vida cotidiana.

Assim, o imaginário poético permite ao sujeito a possibilidade de adentrar a realidade em sua essência, que é não ter essência alguma, não ter significações ou explicações, apenas seguir o seu fluxo natural.

(...) Uma das funções do devaneio é libertar-nos dos fardos da vida. Um verdadeiro instinto de devaneio é ativo na nossa anima; é esse instinto de devaneio que dá à psique a continuidade do seu repouso. A

psicologia da idealização é aqui nossa única tarefa. A poética do devaneio deve dar corpo a todos os devaneios de idealização. Não basta, como costumam fazer os psicólogos, designar os devaneios de idealização como fugas para fora do real. A função do irreal encontra o seu emprego sólido numa idealização bem coerente, numa vida idealizada, acalentadora no coração, que dá um dinamismo real à vida. (...). (BACHELARD, 1996, p. 70).

A função do irreal seria o olhar desatento para o mundo, assim como uma valorização do imaginário como constitutivo da personalidade e da conduta. A dinâmica da vida altera conforme as circunstâncias, mas também da relação e da seriedade que o indivíduo estabelece entre o mundo e a imagem que cria do mundo, da experiência existencial e imagética.

O olhar poético é o olhar desatento, mas ao mesmo tempo, o olhar íntimo que não apenas nota a beleza de uma floresta ou das nuvens, mas que se reconhece como parte da terra e do céu, por isso, sua linguagem estética é o signo simbólico da admiração pelas coisas. O devaneio em seu silêncio ensurdecador, com os pés no gramado, escuta com os pés e enxerga com as mãos, assim, conhece mais da vida.

O modo de ser poeta não somente no sentido restrito a produção literária, mas de ser livre em seu devaneio, aberto ao nada da vida, a possibilidade do tudo. É valorizar e destacar o quanto o óbvio é oculto, e o quanto o mistério está clarificado,

pois não há limites para a criação, e a imagem criada é viver a realidade em seu próprio movimento.

Por isso, Bachelard destaca o *logos* como parte essencial do que é propriamente humano, e se utiliza da imagem e produção poética como uma expressão humana singular. Afirma que a imagem é um devir, assim como o indivíduo que a expressa é constituído pela linguagem, não somente a constitui. É um movimento dialético do ser que se forma a partir de sua própria criação.

(...) A imagem se transforma num ser novo de nossa linguagem, exprime-nos fazendo-nos o que ela exprime, ou seja, ela é ao mesmo tempo um devir de expressão e um devir de nosso ser. No caso, ela é a expressão criada do ser. (BACHELARD, 1974, p. 188).

Por conseguinte, o imaginário poético possibilita a expressão do ser que se cria a partir de sua própria verbalização literária. Modifica sua realidade e sua concepção da realidade com base na intensidade e na especificidade do fenômeno vivido e imaginado.

Ademais, a relação que o autor faz na obra *A Poética do Espaço*, terá como base a análise do espaço como determinante na vida psíquica e da importância que se estabelece com cada relação objetiva. Suas lembranças, suas experiências e a própria organização do espaço é condicionado pela relação afetiva produzida em cada espaço. Esta análise, na qual resulta vários aspectos do comportamento e da noção

existencial de cada ser no mundo, é denominada pelo autor de topoanálise.

Bachelard parte de uma delicada afirmação que posiciona o espaço à frente do tempo em nossas lembranças, condicionadas pela relação que nossas emoções estabelecem em cada espaço, na qual, ao recordar um momento, não é o tempo que está sendo captado, mas a relação singular com o espaço vivido que pretende ser experienciada novamente. (BACHELARD, 1974, p. 202).

Isso demonstra mais uma característica emocional do indivíduo, pois o impacto do fenômeno é o que marca, e não a duração do afeto. É a qualidade única, somada a especificidade da relação. A relação com o espaço é analisada como uma relação consigo mesmo. Os sonhos voam alto e se concretizam também em modos de espaço. Cada construção do espaço, a razão dos cômodos serem posicionados em localidades específicas da casa.

O sótão, por exemplo, concebido como o local onde o refúgio é acolhedor, é onde os residentes guardam seus devaneios, as mais definitivas imagens de memórias confortantes, ou criadoras de realidade; enquanto no porão residem as imagens que procuram ser esquecidas ou reprimidas, esperando talvez o momento certo para serem sublimadas ou recalçadas. (BACHELARD, 1974, p. 209-210).

O porão se forma conforme a imagem da sombra em suas profundezas. A relação que estabelece com seu inconsciente e a relação entre seus arquétipos resultam em imagens que se quer bem guardar nas profundezas do porão, o espaço inferior da consciência que o projeta.

Os cantos da casa, a dialética entre o exterior e o interior são também pontos que Bachelard desenvolve na obra para aplicar sua análise da relação próxima entre o ser e o espaço. A própria “imensidão íntima” que o autor expõe num dos capítulos expressa essa profunda expansão do ser que se permite imaginar livremente. Concebe cada instante como objeto que sempre tem algo a dizer, e em particular, de forma única e original para aquele que sabe ouvir e observar a obra do universo.

A imensidão está em nós. Está presa a uma espécie de expansão do ser que a vida refreia, que a prudência detém, mas que volta de novo na solidão. Quando estamos imóveis, estamos além; sonhamos num mundo imenso. A imensidão é o movimento do homem imóvel. A imensidão é uma das características dinâmicas do devaneio tranqüilo. (BACHELARD, 1974, p. 317).

A topoanálise, não seria simplesmente uma definição técnica psicanalítica e geográfica da percepção, mas modos íntimos, acentuados, produtivos e de certo modo, “terapêuticos” de uma nova forma também de conceber e se relacionar com a realidade. Com base na própria liberdade de imaginar e vivenciar conforme sua subjetividade e seus arquétipos.

Com isso, se esclarece que a imagem poética desperta algo único de provocações múltiplas. A leitura e a escrita são a porta de entrada para o devaneio poético, assim como o

devaneio conduz à uma imagem que pode ser verbalizada. O devaneio é o estado onde o imaginário atua se reconhecendo como pulsão de vida, como afirmação de si ao se reconhecer nas coisas.

A meditação da solidão é o estado de comunicação com o mundo. Uma tentativa de traduzir a correspondência entre o interior e o exterior, como representação da força humana que permite que a angústia diante de um espaço se transforme em contemplação.

O problema que levanta curiosidade, produz criação poética e por isso, criação de formas de ser e estar no mundo. O imaginário não concebe o mundo como objeto, mas como outro sujeito que dialoga sobre o silêncio de seus olhos criativos. São um e o mesmo corpo.

Ao se deparar com uma situação incômoda, o poeta transformará a situação em uma busca de absorção do que é útil ou tranquilizador naquele momento. Digere para si a experiência de aprendizado daquele estado negativo, ao invés de sofrer e se lamentar. Assim como transformará em obra prima e denominará significativamente o brilho daquilo que é dado como irrelevante pelo fosco impulso do preconceito.

O ser poético não se limita ao artista literário, mas é o ser que procura revitalizar sua energia psíquica, driblando situações negativas sem tergiversar seus problemas evidentes, mas absorvendo todo o conjunto a partir da busca de diferentes perspectivas que enseje novas sensações.

É um modo de dar impulso aos seus sentidos que transcendem os costumes delimitados da sociedade que preconcebe um evento como negativo ou positivo. É produzir

uma existência polissensorial de ser e estar no mundo. (BACHELARD, 1996, p. 156).

Alguns conceitos centrais para compreender a ação e o efeito do ato poético residem na ressonância e na repercussão do poema. Isto é, os efeitos da imagem poética quando se ouve e quando se recita. (BACHELARD, 1974, p. 187).

Essa relação fenomenológica que a imagem poética provoca em ambas as ações resultam numa “revirada do ser”, pois se identificando com a ressonância ou a repercussão de determinadas imagens verbalizadas, provoca um efeito sobre a imaginação do real a partir do olhar poético do autor.

O poema apresenta imagens para abrir caminho ou espaço além do seu próprio imaginário, ou se assemelha à intensidade de uma emoção, como quando alguém diz o mesmo que o outro pensa, mas não soube expressar. Isto ocorre porque não possui um contato suficiente com a matéria e com o imaginário.

O papel da solidão na vida poética não seria um estado de tristeza, abandono, mas meditativo, contemplativo do ser com o universo. O próprio autor desenvolve essa noção quando compara a solidão na infância com o imaginário poético, com o devaneio.

Durante a infância, a criança cria sem pensar no valor e na correspondência com a realidade de sua criação, apenas vive a relação própria e prazerosa do imaginário com o cosmos. Quanto mais próximo da natureza criadora, mais próximo do universo que deixou em cada criança, assim como em cada poema.

A nosso ver, é nas lembranças dessa solidão cósmica que devemos encontrar o núcleo de infância que permanece no centro da psique humana. É aí que se unem mais intimamente a imaginação e a memória. E aí que o ser da infância liga o real ao imaginário, vivendo com toda a imaginação as imagens da realidade. E todas essas imagens de sua solidão cósmica reagem em profundidade no ser da criança; apartado de seu ser para os homens, cria-se, sob a inspiração do mundo, um ser para o mundo. (...) (BACHELARD, 1996, p. 102-103).

Assim, se as crianças são os primeiros filósofos, também são os primeiros poetas. Descobrem o mundo não pelo entendimento, mas pela admiração, pelo devaneio agudo que alcança o cantar dos pássaros, ou pela casa na árvore que foi imaginada para morar e para dar frutos, para que assim possa comer enquanto descansa. Quando se admira, se cria, e quando a criação reina, a vida é vivida em sua plenitude.

O estado pleno não seria uma felicidade absoluta ou uma linha de chegada para a chave do conforto da imperturbabilidade da alma, mas um estado de relação mais pura e próxima do que se é na raiz ontológica do ser humano.

Por conseguinte, a infância, por ser o berço do desenvolvimento da consciência, se encontra em estado puro, sem absorção de técnicas e definições acabadas que “explicam”

o mundo, mas não conhecem suas cores. Por isso, a criação poética do devaneio é um estado de ingenuidade consciente para uma abertura de diversas formas de relação da consciência com o mundo.

Na compreensão vaga do que se concebe por inteligência ou sabedoria contemporânea, a imaginação em Bachelard, e sua psicanálise do conhecimento objetivo, superam essas delimitações e apresenta uma via distinta do que se compreende a despeito das atividades intrínsecas ao intelecto e outras consideradas específicas da emoção.

A PSICANÁLISE DO CONHECIMENTO OBJETIVO E SUA RELAÇÃO COM O IMAGINÁRIO

Além das questões esboçadas, é importante problematizar: é possível conciliar a imaginação com a atividade científica? Quais são os limites conceituais e metodológicos para um exercício epistemológico e imaginante?

Para desenvolver a relação dessas problematizações, é preciso analisar como Bachelard se utiliza da psicanálise do conhecimento objetivo, trabalhado em sua obra *A psicanálise do fogo*. Inicialmente, Bachelard tece uma crítica à ausência de uma explicação consistente da produção do fogo pelo homem, dos precedentes da técnica, se reduzindo a explicação da descoberta do homem pelo fogo por meio de causas naturais, inclusive a fricção. E aponta como esta última possui um caráter simbólico e sexual que se aproxima de uma explicação da lacuna que a tradição científica saltou.

Bachelard se utiliza de vários exemplos para a consistência de uma necessidade psicanalítica do fogo e do conhecimento objetivo, assim como o papel do devaneio e da consciência do pesquisador de suas próprias delimitações, bem como da sobriedade diante dos próprios métodos. Por isso, aponta que o pesquisador deve se atentar pelas convicções que se desenvolvem no estudo do objeto, pois o objeto acaba possuindo o sujeito pela vaidade possessiva narcísica da experiência primeira.

Tal apontamento se explica em razão do homem ser movido, segundo o autor, mais pelo desejo do que pela necessidade; (BACHELARD, 1994, p. 25) impulsionado pelas motivações de atendimentos imediatos de seus desejos, todo o conhecimento objetivo se compromete.

Bachelard, aponta que as explicações científicas modernas estariam desconsiderando as condições psicológicas das explicações e produções científicas primitivas. Ao investigar um determinado objeto, existe na intencionalidade do investigador mais correspondência com suas convicções e desejos pessoais do que com a objetividade científica.

E constrói esse raciocínio para sustentar que o devaneio precede o pensamento científico, considerando que a relação com o objeto é subjetivamente distinta, particular e conforme suas condições ontológicas e psíquicas.

Inicialmente, deveremos criticar as explicações científicas modernas que nos parecem bastante inadequadas às descobertas pré-históricas. Tais explicações procedem de um

racionalismo seco e rápido que pretende beneficiar-se de uma evidência recorrente, mas sem relação com as condições psicológicas das descobertas primitivas. Portanto, haveria lugar, acreditamos, que buscaria sempre o inconsciente sob o consciente, o valor subjetivo sob a evidência objetiva, o devaneio sob a experiência. Só se pode estudar o que primeiramente se sonhou. (...). (BACHELARD; 1994, p. 33-34).

O sonho precede o pensamento, pois o devaneio é vagante. E por não se centralizar em um só caminho, solidifica onde as raízes de cada pensamento centralizado pretende construir a sua árvore. O conforto do espaço é mais importante que as razões objetivas de sua elaboração, por isso, o sonho para um lugar quente, para se abrigar do frio, cria condições para a tecnologia do fogo, assim como sonhar que a vida é cognoscível, cria condições para a tecnologia científica.

Quando se concebe que os desejos movem mais do que as necessidades, se faz necessária uma psicanálise do conhecimento e valores subjetivos e objetivos, o inconsciente e o consciente. Baseado ainda no trabalho de Jung, tais conceitos contribuem para reforçar a importância do devaneio poético como ato de sublimação⁵, considerando que sua força criadora

⁵ Nessa concepção de sublimação, a poesia, assim como as imagens arquetípicas que produz, é compreendida também como uma ferramenta psicológica

recalca conscientemente as transgressões contra a quietude, e reage sob a forma de imagem arrebatadora.

(...) propomos, a exemplo de C. G. Jung, pesquisar sistematicamente os componentes da libido em todas as atividades primitivas. Com efeito, não é apenas na arte que se sublima a libido. Ela é a fonte de todos os trabalhos do homo faber. Falou muito bem quem definiu o homem como uma mão e uma linguagem. Mas os gestos úteis não devem ocultar os gestos agradáveis. (...) Primitivamente, carícia e trabalho deviam estar associados. (...) a idade da pedra lascada é a idade da pedra maltratada, enquanto a idade da pedra polida é a idade da pedra acariciada. (...) (BACHELARD, 1994, p. 47-48).

A partir dessa passagem é possível compreender a concepção de Bachelard do inconsciente coletivo para sustentar que a construção da vida social se dá conforme suas condições materiais, mas que são primordialmente movidas pelas

para intervenções livres do próprio sujeito em sua vida psíquica, de modo que verbalizar suas próprias emoções, além dos efeitos já demonstrados, é um esclarecimento próprio da consciência para a consciência. As raízes das imagens almejadas e das intencionalidades efetivas.

motivações estéticas e psíquicas, isto é, sensíveis às sensações, mas também sensíveis à alma.⁶

Por conseguinte, a poesia é uma forma de arquétipo que degusta experiências estéticas e sublima necessidades e amarguras; para apresentar sabores, criar saudáveis desejos e diante das angústias reajustar posturas.

A ontologia da imagem poética pode ser concebida como recurso existencial. É um ato de impacto íntimo e sensível ao ser. É uma comunicação múltipla e direta com a alma. Por isso, não move montanhas, mas o espírito, que por ser intocável pelo corpo, não pode ser movido por qualquer ato. A fenomenologia da imaginação é neste sentido uma ética sem pretensão, mas em execução.

Antes de pensar sobre sua vida, o sujeito imagina o que fez e o que fará. Mas, o juízo de todos os atos, genericamente absorvem valores que interceptam uma reflexão cuidadosa sobre a forma que julga a si mesmo. Por isso, permitir a possibilidade do erro, reconsiderar a imagem do devaneio e das convenções sociais e epistemológicas propiciam o enfrentamento da própria “sombra”, como apontava Jung. É uma reversão do equilíbrio das forças internas, é uma ampliação dos horizontes da cultura, como afirma o autor.

⁶ O objeto que a ciência procurou descobrir para facilitar determinada atividade, a poesia e o imaginário ilustraram para “temperar” a “refeição” do mesmo objeto, mas sem que para isso, precise comê-lo com a técnica da colher; o alimento é pela *anima*, basta a imagem da doçura para saciar a alma, para que possa admirar de longe a potência prazerosa do sabor do objeto visto. O ar que o poeta respira é puro, e a tinta de sua pena não é tóxica, é límpida e clara; só é possível vê-la com clareza se ficar em silêncio com o espaço.

A própria imagem crítica de Bachelard na comparação da experiência científica com a vivência empolgante e fantástica da infância, demonstra o quão delimitado tornou-se o conhecimento moderno, em suas convicções e convencimentos pessoais que permanecem na avaliação do objeto. Pois o real e o verdadeiro já são precedidos por suas convicções universais. São “racionais” o suficiente para não se conceberem como fenômenos.

Bachelard em sua obra *A Formação do Espírito Científico*, desenvolve o quanto o espírito se separou das raízes dos obstáculos epistemológicos, por estar preso a precisão criteriosa do rigor metodológico acrítico da ciência sobre si mesma.

O ser humano satisfaz as suas necessidades criando novas necessidades, pois é um fluxo de exigência do espírito que busca e cria. Se a ciência não se "reinventa", ela está em contradição com a organicidade da consciência, da imagem que a criou.

A sociedade moderna acostumou o homem a ter mais do que ao ser. Dessa maneira o separou de si mesmo e sua unidade orgânica com a natureza. Inclusive sua própria natureza psíquica. Daí a razão da dicotomia da consciência entre imaginação e epistemologia, como se fossem absolutamente distintas e antagônicas.

A concepção do imaginário ao realçar o devaneio como anterior a experiência, não significa dizer que não se deve ter seriedade científica e que suas descobertas não correspondem à realidade, pelo contrário, possibilita uma abertura integral da ciência a partir do ato crítico de si mesmo e seus métodos

constantemente em consonância com a totalidade do homem e do mundo.

Mas a grande questão é que pelo fato de a tradição científica ter se convencido sem psicanalisar os precedentes das motivações subjetivas no ato de conhecer, a posiciona de forma antagônica ao que não segue suas categorias e métodos. Por isso, a psicanálise do conhecimento objetivo desvenda a ampla capacidade espírito científico e da alma poética.

É necessário admitir, aponta Bachelard, que o conhecimento consiste em constantes correções e não como fonte de segurança em verdades imutáveis. A prisão da mente àquilo que a conforta, ao invés da análise utilitária dos erros, resulta em consequências negativas para avanços criadores e epistêmicos. São os obstáculos epistemológicos. Por isso, afirmava o autor: “(...) O conhecimento do real é luz que sempre projeta algumas sombras. (...)” (BACHELARD, 2005, p. 17).

Para concluir esse raciocínio, Bachelard comenta sobre as consequências que adquire o espírito de determinados hábitos intelectuais, e para configurar o fundamento desses hábitos, classifica-os em instinto formativo e instinto conservativo.

Segue rapidamente seu caminho de forma assegurada, mas sempre conveniente ao seu próprio modo de operação e suas evidências estabelecidas, não sendo crítica e reflexiva e com efeito, o instinto formativo torna-se instinto conservativo. (BACHELARD, 2005, p. 19).

Dessa forma, não somente o cientista, mas é possível pensar que qualquer indivíduo habituado aos seus costumes prefere evitar perguntas, assim como prefere se convencer de

certezas e convicções ao invés de se responsabilizar em abrir espaço para sua própria interpretação de mundo.

Portanto, as duas vias de percepção desenvolvidas por Bachelard pelo imaginário poético e pelo conhecimento objetivo psicanalisado, podem ser concebidas como proposições que abrangem a totalidade da existência, pois reúnem a epistemologia, a cultura e a psicologia num só autor, que se divide metodologicamente, mas que se unifica através da imensidão subjetiva e objetiva de sua obra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra de Bachelard proporciona novas dimensões de pesquisa e de existência, tendo como chave primordial a concepção fenomenológica da imaginação e da psicanálise do conhecimento objetivo. O devaneio concebido como anterior ao pensamento elaborado, apresenta raízes imaginantes no processo de compreensão epistemológica.

Bachelard se aproxima das explicações para o avanço cultural e científico da humanidade por meio da psicanálise fenomenológica do conhecimento objetivo. Demonstra que as condições psíquicas atuam na subjetividade e na objetividade do homem.

São as condições ontológicas e psíquicas que organizam as imagens, e estas resultam em práticas determinadas. Ademais, o caráter transformador e libertador da observação ingênua da realidade, é o aspecto específico da força movente das condições psicológicas, que se dá pela operação da imaginação e seus arquétipos. Aquilo que o homem não explica,

ele cria, e de outro modo, o que ele explica é também uma forma de criação.

Se permitir se reconfortar no espaço, apreciar o tempo sem o mensurar, desfrutar o instante, eis a possibilidade de ser conforme a si mesmo, condicionado pela objetividade do espírito, mas também pela subjetividade íntima do imaginário. Conhecer o mundo como tal, sempre atento às delimitações físicas, pulsões e complexos que agem e reagem. Aberto a condição da relação dialética do fenômeno percebido, mas também como fenômeno que se percebe.

A objetividade do espírito científico, pode ser pensada de maneira aberta e integral com a ontologia poética. Seria uma maneira aberta à novas possibilidades de se fazer ciência e se pensar a realidade, de modo crítico, mas também criativo, que se modela e se desdobra conforme a dinâmica da consciência que transcende o real para retorna-lo, constituído em convergência com o devir da natureza. Como a água, que segue seu fluxo se adaptando ao que toca e se entrelaça.

A criação pela linguagem, como demonstraram Jung e Bachelard, é algo pré-histórico, atua como ferramenta e como conforto, apresenta em si a unidade entre o útil e o inútil que luta para externalizar o devaneio gritante. É uma necessidade e um desejo que se articulam para evoluir a partir do estômago e da psiqué.

Viver conforme seu próprio organismo é criar caminhos para uma existência que ao invés de evitar os infortúnios, os convida a renascerem como capítulos de uma obra. Os transforma em imagens, em portas para as profundezas do ser e nas alturas que compõem o cosmos. É aprender a admirar

antes de observar, o encantamento precedente ao conhecimento. (BACHELARD, 1996, p. 113).

Para não concluir, é válido problematizar questões que pairam há décadas, mas que em grande parte possuem algumas respostas específicas na obra de Bachelard, algumas das quais foram desenvolvidas em referência no presente trabalho. Mas vale destacar: qual a especificidade da imaginação e do pensamento? Como definir o alcance e as delimitações de cada ato? Se estiverem separados, é necessário saber pelo que exatamente, se estiverem unificados, por que e por quem as atuações das formas de consciência são isoladas?

Repensar a realidade a partir da imaginação, do devaneio, assim como das delimitações da ciência, é conceber o lado mais primitivo do inconsciente coletivo, da natureza originária que preserva pulsões e vontades criativas que expandem o universo interno e externo.

Contudo, a unidade desse aspecto diurno e noturno em Bachelard se efetiva num olhar atento da dispersão imaginante, e do caráter desatento e complexado do foco da seriedade epistemológica. A imaginação é o que permite o equilíbrio entre os dois mundos, o dia e a noite. O sol e a lua.

A força de gravidade que atrai o leve devaneio íntimo, da *anima* do cosmos interno ao corpo verbal da imagem poética. É a quietude do devaneio, o estado entre a ação e meditação, é pensar a partir de uma fenomenologia do concreto e do abstrato. No imaginário poético da obra de Gaston, o homem renasce sobre o fogo, não sobre as cinzas; o devaneio conduz a criação do real, e a realidade própria é concebida conforme imaginada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. In: PESSANHA, José Américo Motta. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

BACHELARD, Gaston. **A Psicanálise do Fogo**. São Paulo: Martins Fontes, 1994. BACHELARD, Gaston. **A Poética do Devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

BACHELARD, Gaston. **A Formação do Espírito Científico: Contribuição para uma Psicanálise do Conhecimento**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

BACHELARD, Gaston. **A intuição do instante**. Campinas: Verus, 2007

BACHELARD, Gaston. **A Dialética da Duração**. São Paulo: Ática, 1988

ENCARNACIÓN; Agripina. **Dicionário de imagens, símbolos, Mitos, termos e conceitos Bachelardianos**. Londrina: Eduel, 2013.

QUILLET, Pierre. **Introdução ao Pensamento de Bachelard**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

GASPAR, Ana. **Entre o Conceito e a Imagem: o lugar da psicanálise na obra de Gaston Bachelard**. Lisboa: Centro de Filosofia das Ciências da Universidade de Lisboa, 2010.

Submetido em Julho de 2025

Aprovado em Agosto de 2025



Informações do(a)(s) autor(a)(es)

Nome do autor: *Breno Geraldo Araújo*

Afiliação institucional: Universidade Estadual do Ceará

E-mail: prof.breno000@gmail.com

Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1539963434581061>

